

# EXPOSIÇÕES, INDÚSTRIA E TURISMO

## REFLEXÕES SOBRE UM TEMA DA ACTUALIDADE

LUÍS PAULO SALDANHA MARTINS  
Instituto de Geografia da FLUP

A indústria e o turismo estão indissolúvelmente ligados tanto em planos processuais como conceptuais, não parecendo existir dúvidas quanto à importância das interligações passíveis de serem estabelecidas entre estas matérias, desde a mais imediatista referência à «Indústria do Turismo». Numa «perspectiva histórica», todavia, faz sentido lembrar que o fenómeno turístico, nos seus contornos actuais, emerge claramente no período do pós-guerra – pela dimensão, pelos efeitos económicos e sociais ou pelo ordenamento do território – ainda que, estruturalmente, o turismo possa ser considerado como decorrente da própria *Revolução Industrial* — nomeadamente ao nível dos transportes, da organização das viagens ou do alojamento hoteleiro.

Importa também ter presente, que a estreita e intensa associação entre o progresso industrial das nações e a divulgação dos avanços técnicos e tecnológicos alcançados através da realização de «exposições universais» que foram promovidas de forma continuada desde o século XIX, poderá suscitar algum interesse num congresso que versa o tema indústria e, sobretudo, numa altura em que são já visíveis os efeitos da campanha de promoção da Expo'98, a exposição internacional de Lisboa a inaugurar em Maio.

Estas manifestações, para além do mais, constituíram e continuam a constituir elementos de referência na activação do turismo internacional integrando-se no conjunto dos «mega» eventos que são disputados no cenário internacional, pelo prestígio e pelos dividendos que possam ser retirados da efectivação dessas exposições.

Será em torno destes elementos, do triângulo temático constituído pela indústria, pelo turismo e pelas exposições, que se tentará estruturar este artigo, equacionando dentro do possível a multiplicidade de interligações que lhes estão subjacentes, tentando ter sempre presente a ideia de que uma parte substancial das reflexões aqui vertidas, constituem matérias em desenvolvimento, eventualmente enquadratórias ou estimuladoras de projectos de investigação a empreender.

### Notícias e acontecimentos do Porto da segunda metade de oitocentos

Há 100 anos, o dia desta comunicação – 5 de Dezembro – era Domingo. Folheando e lendo «*O Comércio do Porto*» é possível inferir que os tempos não seriam de especial euforia e nenhum tema parecia destacar-se ou ser eleito como principal preocupação da nação ou dos portuenses. Os assuntos tratados, por outro lado, são de uma actualidade desconcertante: problemas laborais relacionados com o emprego público, sobretudo pela existência de excedentes em pessoal;

problemas de ensino, através da discussão da reforma da instrução secundária; criminalidade, com o relato de diversas ocorrências com pormenores mais ou menos hediondos; saúde, através da notícia da vacinação de 20 crianças pelo médico municipal, Dr. Ricardo Jorge; solidariedade social e beneficência, com a realização de algumas «kermesses».

No capítulo do lazer, era conferida alguma notoriedade a actividades desportivas sendo noticiado um *match* de *foot-ball* que teria lugar «no antigo hypodromo de Mathosinhos ... entre sócios do Real-Velo Club do Porto e do Gymnásio Aveirense» e um passeio velocipédico do Real-Velo Club do Porto a S. Mamede de Infesta com saída do Palácio de Cristal. Encontram-se igualmente referências à realização de espectáculos nos teatros do Príncipe Real, de D. Affonso, da Trindade e de Carlos Alberto e da preparação de um outro no Teatro de S. João.

O aspecto que, de qualquer forma, merece mais destaque é a realização no Palácio de Cristal da Exposição da Indústria Portuguesa, que aí decorria havia algum tempo. Se as chocadeiras artificiais tinham constituído um dos grandes sucessos da exposição traduzindo um elemento da modernidade da agricultura, o concerto no «grande órgão da nave central», a execução de trechos escolhidos pela professora «madame Adrienne Pilot» nos pianos de construção portuguesa exibidos pelo sr. Delerue, e a «música pela banda da guarda municipal» a exemplo do que vinha acontecendo todos os domingos, mostravam-se elementos fundamentais à captação de visitantes ao Palácio de Cristal.

Apesar das vicissitudes atravessadas pelo Palácio, após a exposição de 1865, mais de trinta anos depois, este espaço continuava a ser uma referência obrigatória na cidade do Porto, constituindo um exemplo paradigmático da capacidade de iniciativa dos portuenses. Seria possivelmente a materialização mais significativa do enorme progresso – numa designação actual ler-se-ia desenvolvimento – que o Porto havia vivido a partir de meados do século XIX, exteriorizando e formalizando o sentir liberal, sublimado pela vitória conseguida a partir do Porto.

Mas, se a construção do Palácio de Cristal significara o consubstanciar de um conjunto de iniciativas que vinham desde as exposições agrícolas e industriais iniciadas nos anos 50, constituíra apenas uma parte dos elementos de modernidade que caracterizaram a cidade na época, não só ao nível das realizações materiais como da transformação dos costumes. Atravessara-se uma fase de profunda mudança social e urbana com a criação de novas instituições, com a introdução ou a consolidação de novas formas de pensar e realizar ao nível social, económico ou político, com a criação de novas indústrias e novas vias de comunicação.

A «normalidade» reflectida nas páginas de «*O Comércio do Porto*» mascara, assim, a intensidade dos acontecimentos da segunda metade do século XIX, de onde se destacam, a par da construção do Palácio de Cristal e das exposições que aí se realizaram, os avanços nas vias e nos meios de transporte, a exemplo do comboio ou do «Americano». Estas duas componentes merecem ser evidenciadas na modernidade portuense, até porque se à época desempenhavam um papel primordial, actualmente continuam a revelar-se de enorme importância tanto nacional como internacionalmente.

## Elementos sobre a evolução das feiras e das exposições internacionais

Desde meados do século XVIII até à actualidade, a realização de exposições-feiras foi-se vulgarizando, podendo constituir um dos elementos de referência da dinâmica dos países ou das regiões. Quer através da candidatura e promoção de «mega eventos», de carácter único, no âmbito do Bureau International des Expositions, quer através da realização de «eventos» de expressão internacional ajustados a calendários temáticos de carácter cíclico – frequentemente anuais –, ou através da realização de exposições-feiras de âmbito local e regional, a realização de qualquer destes certames tem-se firmado como vector fundamental de animação económica e cultural.

Em 1756/57, em Inglaterra, a *Society of Arts* promoveu uma exibição, possivelmente pioneira, de produtos manufacturados, enquanto em França, em 1798, os produtos franceses eram exibidos com tal sucesso em Paris que a exposição foi repetida, ainda no mesmo ano, tendo adquirido uma periodicidade trienal a partir de 1802. Depois destas iniciativas precursoras, às quais se sucederam algumas outras nos Estados Unidos ou um pouco por toda a Grã-Bretanha, entrou-se na fase das grandes exposições internacionais. A primeira grande exposição internacional teve lugar em Londres em 1851 promovida pela *Society of Arts* presidida na altura pelo Príncipe Alberto.

Dublin e Nova York promoveram exposições em 1853 e, em 1855, sucedeu-lhes Paris, de novo Londres, em 1862, antes da exposição do Palácio de Cristal em 1865. Na altura, estava já agendada a exposição de Paris em 1867, à qual se seguiu Viena, Filadélfia e de novo Paris.

O ritmo de realização de exposições cresceu significativamente nas últimas décadas do século passado e nas primeiras do actual. A grandiosidade aumentou também, contribuindo para consolidar e para modernizar o tecido urbano das cidades que as acolhiam, tanto pela imponência das obras como pelos novos espaços conquistados. As exposições serviam igualmente para afirmar as imagens internacionais dos países nos domínios técnicos e das artes, contribuindo, finalmente, para uma definição das hierarquias de cidades europeias e mundiais, guindando especialmente Paris e Londres ao topo da centralidade. O aumento do número de exposições, o sucesso das várias iniciativas, tiveram como resultado o aumento da pressão exercida sobre os países para estarem presentes, empenhando-os na qualidade das representações.

Assim, melhor se compreenderá, a procura, desde 1902, por parte de diversas organizações nacionais envolvidas, de plataformas que permitissem estabelecer critérios para a regulação da realização de exposições, através da criação de uma comissão sediada em Paris e que daria origem em 1908 à «Federação das comissões permanentes de exposições». Perante alguma ineficácia da cooperação internacional, esta iniciativa foi sucessivamente aprofundada em base diplomática com a realização de uma conferência em Berlim em 1912, que veio a culminar, com um atraso provocado pela Primeira Grande Guerra Mundial, na conferência de Paris, em 1928, que definiu os princípios das exposições internacionais e criou o «Bureau international des expositions» (BIE), com o acordo inicial de cerca de quatro dezenas de países<sup>1</sup>.

A implementação da regulação teve, entre outras consequências, uma clarificação do conteúdo das exposições que, a pouco e pouco, deixaram de alimentar o carácter universal, que havia caracterizado as exposições da segunda metade do século XIX.

O pós Segunda Grande Guerra trouxe um novo tipo de exposições, pontificando as abordagens temáticas com um forte carácter pedagógico tentando promover o conhecimento *dos meios existentes para a humanidade satisfazer as necessidades civilizacionais*<sup>2</sup>. Desde a promoção do humanismo em Bruxelas, numa fase de pacificação europeia, aos temas espaciais de Seattle, ao relacionamento entre a humanidade e os recursos, à tecnologia, ao desenvolvimento e aos oceanos (Okinawa e Lisboa), as exposições versam temas particularmente significantes para a segunda metade do século XX, passando o sucesso das iniciativas pela escolha dos mais mediáticos ou pela tentativa de lançar novas frentes de discussão a partir do ambiente ou da energia.

A candidatura continua a significar, tal como em décadas anteriores, uma oportunidade de promoção dos países, importante na captação de visitantes ou na activação económica, por todo o movimento originado em torno destes mega acontecimentos, mas passou também a servir de núcleo das campanhas publicitárias de orientação turística, de motivo para continuar a construir a cidade ou a requalificar e revitalizar áreas com baixa qualidade urbana. Servem igualmente, como fenómenos instigadores de alterações inadiáveis reunindo o «orgulho» nacional em torno de decisões irreversíveis, enquanto, por último, parecem dissociar-se das principais cidades mundiais.

De qualquer forma, a multiplicação das exposições, alguma banalização que as caracteriza, até pelo aparecimento de parques temáticos permanentes que antecipam e difundem algumas das novidades mais destacadas, a diluição e desarticulação de ideais ou blocos internacionais – os nacionalismos ou a «guerra fria» – diminuindo alguma da tensão internacional que alimentava os confrontos e comparações entre países, a crescente penetração das multinacionais, substituindo-se às lógicas nacionais ou internacionais, tem dado lugar a marcas menos duradouras e mais voláteis tanto em termos morfológicos como de conteúdo simbólico.

### **A exposição de 1865 como catalisadora da modernidade**

A realização da exposição de 1865 no Porto reuniu em torno de um projecto muita da capacidade de iniciativa da cidade. O apoio e a presença física de D. Pedro V poderia também querer significar o interesse da nação na consecução de tão ambiciosos objectivos.

No entanto, enquanto noutros países o processo organizativo dos certames precedentes se centrava em instituições influentes, com associados influentes, capazes de projectar o sucesso das iniciativas internacionalmente, no caso do Porto, e apesar do patrocínio da coroa à iniciativa, tratou-se claramente de um processo de âmbito local, restrito, inclusivamente, a um grupo de notáveis e visionários da cidade.

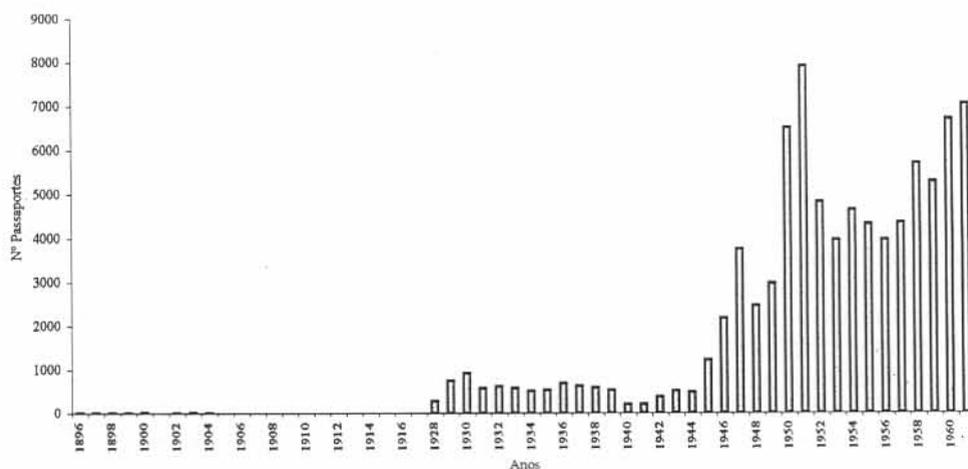
A expressão local da iniciativa é também referenciável no reduzido efeito sobre o resto do País como se infere da leitura dos periódicos da época e às reservas que eram postas à iniciativa. Acresce, a alteração do preço dos «bilhetes de admissão na exposição internacional do Porto» como forma de tentar aumentar

a procura de visitantes<sup>3</sup>. Esta redução foi objecto de publicidade «nas esquinas e ruas de Lisboa [onde] foram afixados grandes e vistosos cartazes anunciando a última redução nos preços de entrada..., de grande formato, e com grandes caracteres impressos a cor vermelha» tendo no centro uma aguarela representando o Palácio de Cristal<sup>4</sup>.

Para além dos efeitos decorrentes da própria exposição com motivação e efeitos endógenos, ela surge tanto como o resultado das dinâmicas da sociedade portuense, nomeadamente ao nível económico, como fortemente instigadora das transformações sociais e culturais, ao ponto de Alberto Pimentel afirmar que o Palácio de Cristal rompeu com os «austeros costumes» portuenses.

Mas, se esta manifestação aproximou ainda mais o Porto ao resto da Europa, recuperando a vertente temática do proto-turismo, poder-se-ia tentar encontrar variáveis indiciadoras daquilo que à época pudesse marcar o comportamento de alguns grupos sociais. De um modo geral, a crescente internacionalização das exposições do século passado e a difusão de informação privilegiada sobre estes acontecimentos, ao que acresce o desenvolvimento dos transportes, tanto marítimos como ferroviários, constituem vertentes essenciais de abordagem, permitindo supor algum interesse em torno destes novos motivos de atracção. No entanto, basta verificar que a hotelaria do Porto se encontrava ainda numa fase pouco evoluída, reflectindo seguramente uma procura incipiente, ou que a emissão de passaportes de viajantes demorou a arrancar, para ser possível duvidar dos efeitos estimuladores dos acontecimentos referidos. Nesta perspectiva, a emissão de passaportes a partir do Governo Civil do Porto, um indicador quantitativo preciso, põe em evidência um arranque ténue após a Primeira Grande Guerra Mundial, e finalmente alguma animação posterior à Segunda Grande Guerra Mundial, sugerindo que o interesse pelo turismo já nada terá a ver com a época de exaltação da segunda metade do século passado.

#### NÚMERO DE PASSAPORTES DE VIAJANTES CONCEDIDOS PELO GOVERNO CIVIL DO PORTO ENTRE 1896 E 1961



### Os calendários das organizações como *espelho* das épocas (1851 e 1865-1998 e 2005)

Desde o século passado até à actualidade, as alterações que tiveram lugar nos domínios abordados neste texto, foram tão significativas e tão diversificadas que, não só será problemático tentar identificar os planos em que mais se fizeram sentir, como será delicado e mesmo imprudente evidenciar elementos das duas épocas para ilustrar as diferenças. De qualquer forma, entre as múltiplas alterações que caracterizaram a evolução das temáticas tratadas, será talvez ao nível dos processos organizativos que mais se terá feito sentir essa evolução, na medida em que a espontaneidade foi sendo afastada e se caminhou no sentido de planificações cuidadosas. Poderá assentar nesta vertente uma componente fundamental da mudança, na medida em que enquanto no século passado o amadorismo e a boa vontade não permitiriam perspectivar as realizações a longo prazo, na actualidade, a necessidade de planificar e prospectivar é sempre incontornável, e será tanto mais determinante, quanto maior a dimensão dos projectos e dos investimentos. No entanto, o carácter espontâneo e imediatista que caracterizou algumas das realizações do século passado, poderia permitir prolongar o seu efeito por décadas, acabando por ter uma extensão temporal relativamente longa, assim como consequências duradouras e muito significativas. As exposições mais recentes, pelo carácter crescente e essencialmente virtual de muitas das componentes com maior visibilidade e significado, poder-se-ão exaurir no próprio momento do encerramento, sobretudo na medida em que novas manifestações emergem, substituindo em visibilidade as anteriores, sem que, todavia, os efeitos multiplicadores ou reprodutivos dos fenómenos mereçam saliência.

Nesta linha, faz sentido lembrar que, se há cem anos o Palácio de Cristal portuense continuava activo, só viria a desaparecer no início da década de 50, enquanto o londinense, depois da exposição do Hyde Park, foi reconstruído em Sydenham, funcionando como parque de lazer até ser consumido pelo fogo nos anos trinta, dando nome, de qualquer forma, a uma área do Sul de Londres – *Crystal Palace*.

No caso do Palácio de Cristal portuense a primeira pedra foi solenemente lançada com a presença do Rei em Setembro de 1861, em 7 de Julho de 1864 foi apresentada, só então, a proposta de promoção de uma exposição internacional e a inauguração ocorreu em Setembro de 1865. O projecto londinense, foi iniciado em 1849, pretendendo organizar uma mostra onde estivessem presentes expositores de todas as nações «civilizadas», e inaugurada a exposição em 1 de Maio de 1851 no *Crystal Palace*. Num período relativamente curto, não só foi possível disponibilizar os meios humanos, materiais e financeiros para a implementação da exposição, como foi concebida, desde o projecto à construção, uma estrutura arquitectónica, construída a partir de componentes pré-fabricados, da autoria de Joseph Paxton, percussora do conceito «sob o mesmo tecto»<sup>5</sup> e elemento de referência da «arquitectura do ferro». Em pouco mais de um ano, no Porto, foi possível montar a exposição, isto sem levar em consideração os contratempus com a construção do edifício, e em Londres em cerca de dois anos.

Pegando agora no exemplo da Expo'98, os elementos de referência apresentam-se com uma moldura absolutamente diferente, mesmo considerando as necessidades decorrentes da regulação que o BIE introduziu. Em Agosto de 1989, a partir da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos

Portugueses, surgiu a ideia de Portugal apresentar a candidatura de Lisboa à organização de uma exposição internacional. A candidatura foi formalmente apresentada em Dezembro desse ano e em Junho de 1992 o BIE votou favoravelmente às pretensões portuguesas<sup>6</sup>. Decorrem, assim, nove anos entre a «ideia» e a abertura oficial do certame. No caso de Aichi (Japão), as primeiras tarefas preparatórias foram levadas a cabo a partir de 1988, a candidatura foi apresentada em 1996, o BIE tomou uma decisão favorável em 1997 e a exposição decorrerá em 2005(!).

## Reflexões finais

Os avanços técnicos e tecnológicos estão hoje tão associados ao quotidiano e assimilados pela «civilização ocidental», que já não constituem eles próprios motivo de exposições internacionais promovidas no âmbito do BIE, relegando assim para outras feiras de cariz comercial o papel nuclear da indústria. Será mais o efeito e já não o objecto, que constitui o motivo de diferenciação, tentando maravilhar pela emoção provocada e não pela mostra inanimada ou pelo fornecimento de informação, ainda que actual.

Longe já do formato que caracterizava as exposições anteriores à fundação do BIE, hoje, as exposições existem para todos os *gostos e feitios*. E se são importantes por si próprias, cada vez mais constituem componentes do aparelho económico e de animação regional e nacional, adquirindo significado na capacidade de atracção dos mais diversos acontecimentos, a exemplo dos congressos<sup>7</sup>. Ainda que não seja possível determinar com clareza a extensão dos seus efeitos, são, numa perspectiva externa, fundamentais para a afirmação e promoção de um país, bem como para a captação de turistas, enquanto, numa perspectiva interna, funcionam como veículos do planeamento urbano e como motores de animação económica ou cultural. A indústria, por seu lado, parece cada vez mais colapsar perante as lógicas comerciais e a capacidade de vender suplanta, claramente, a capacidade de produzir.

A relação tríplice a partir da qual se tentou desenvolver este texto, não só é materializável em elementos de discussão como fixa muitas das grandes transformações que decorreram nestes últimos 150 anos. Se era intenção discorrer sobre estes assuntos de forma meramente exploratória pelo menos um plano julgamos ter ficado claro: o da necessidade em aprofundar o conhecimento destas temáticas, reconhecendo-se à Expo 98 a virtualidade de suscitar a discussão, eventualmente conferindo visibilidade a temas que por norma estão votados à obscuridade.

## BIBLIOGRAFIA

### Livros impressos

- FRANÇA, José-Augusto – *O romantismo em Portugal*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1993.  
MUMFORD, Lewis – *A cidade na história*, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo, 1982 (1.<sup>a</sup> ed. inglesa 1961).  
*Porto 1865 – uma exposição*, Lisboa, Comissariado da Exposição Mundial de Lisboa, 1994.  
SOUSA, Fernando – *Jornal de Notícias, a memória de um século (1888-1988)*, Porto, 1988.

### Informação «virtual»:

- A History of Fairs*, Encyclopædia Britannica e Western Fairs Association, 1995 (<http://www.eb.co.uk/>).  
EXPO'98 – *De A a Z*, 1996 (<http://www.expo98.pt/>)  
EXPO 2000 / HANNOVER - *All world expositions at a glance* (<http://www.expo2000.de/>).  
MARKET DEVELOPMENT SECTION OFFICE OF NATIONAL TOURISM – *International Expositions*, (<http://tourism.gov.au>).

### Fontes manuscritas:

- ARQUIVO DO GOVERNO CIVIL DO PORTO – *Livro de registo de passaportes 1896-1961*.

## NOTAS

1. Veja-se os textos «on line» da «EXPO 2000» - Hannover (<http://www.expo2000.de/>).
2. *Idem*.
3. Os bilhetes de admissão na exposição internacional do Porto ... foram reduzidos da seguinte maneira: bilhetes para qualquer dia, menos as quintas feiras, 200 réis; menores 100 réis, às quintas feiras pessoas adultas 400 réis, menores 200 réis. Os operários e fabricantes teem entrada, em qualquer dia, pelo preço de 100 réis. *Diário de Notícias*, 5 de Outubro de 1865, in *Porto 1865, uma exposição*, Lisboa, Comissariado da Exposição Mundial de Lisboa, 1994, p. 132.
4. *Comércio do Porto*, 17 de Outubro de 1865, in *Porto 1865, uma exposição*, Lisboa, Comissariado da Exposição Mundial de Lisboa, 1994, p. 133.
5. Lewis Mumford – *A cidade na história*, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo, 1982, Estampa 38.
6. Cronografia da Expo'98 – Agosto de 1989 – *Reunião da Comissão Executiva da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses* e apresentação da «ideia»; Dez. 89: *Formalização da candidatura de Lisboa junto do B.I.E.*; Março 90: *Criação de um Grupo de Trabalho para estudar a melhor localização da exposição internacional*; Abril 90: *Escolha do tema*; Fev. 91: *Escolha, pelo Governo, da localização da exposição na zona oriental de Lisboa*; Fev. 91: *Criação da Comissão de Promoção da Exposição*; Out. 91: *Entrega em Paris, na sede do B.I.E., de um dossier preparado pela Comissão de Promoção, com as respostas ao Inquérito Preliminar sobre a candidatura portuguesa*. Junho 92: *Atribuição a Lisboa, em detrimento de Toronto, da organização da exposição internacional de 1998, por deliberação da Assembleia Geral do B.I.E. (23 votos contra 18 e 1 abstenção)*. Expo'98 – *De A a Z*, 1996 (<http://www.expo98.pt/>).
7. Em Paris, em 1900, coincidindo com a exposição universal tiveram lugar mais de 200 congressos, enquanto para Lisboa 98 prefiguraram-se já no horizonte diversas iniciativas do género, enquanto uma associação de feiras e exposições anunciava, para 1997, 258 exposições caninas.

## ANEXO

## Algumas das principais «Exposições Internacionais» (1851-1900/1958-1993)

ANOS	EXPOSIÇÕES	LOCAIS	EXPOSITORES	VISITANTES	SÍMBOLOS
1851	Londres	Hyde Park	13 937	6,0 milhões	Crystal Palace
1853	Dublin	—	—	—	—
1853	Nova York	—	4 854	—	—
1855	Paris	Champs Élysées	21 000	—	Palais de l'Industrie
1862	Londres	South Kensington	29 000	6,0 milhões	—
1867	Paris	Champs de Mars	43 000	6,8 milhões	Palais Elliptique
1873	Viena	Prater	26 000	6,5 milhões	Viennese
1876	Philadelphia	Fairmount Park	30 000	8,0 milhões	—
1878	Paris	Champs de Mars	53 000	16,0 milhões	Trocadéro
1889	Paris	—	62 000	32,0 milhões	Torre Eiffel
1893	Chicago	«Lake Michigan»	65 000	27,5 milhões	White City
1900	Paris	—	80 000	40,0 milhões	Palais de l'Électricité
1958	Bruxelas	Heysel Park	48 países	41,5 milhões	Atomium
1962	Seattle	—	48 países	9,5 milhões	—
1964/5	Nova York	Flushing Meadows	62 países	51,5 milhões	—
1967	Montreal	—	—	50 300 000	—
1970	Osaka	—	—	4 218 770	—
1974	Spokane	—	—	5 100 000	—
1975	Okinawa	—	—	3 500 000	—
1982	Knoxville	—	—	11 127 786	—
1984	Liverpool	—	—	3 380 000	—
1984	New Orleans	—	—	8 000 000	—
1985	Tsukuba	—	—	20 000 000	—
1986	Vancouver	—	—	16 000 000	—
1988	Brisbane	—	—	15 760 000	—
1990	Osaka	—	—	20 000 000	—
1992	Seville	—	—	41 814 571	—

FONTES: Expo 2000 / Hannover - *All world expositions at a glance*; Market Development Section Office of National Tourism - *International Expositions*.

## Temas das Exposições a partir dos anos 60

ANOS	CIDADES	T E M A S
1958	Brussels	—
1962	Seattle	Man in the Space Age
1964/5	New York	Peace Through Understanding
1967	Montréal	Man and His World
1970	Osaka	Progress and Harmony for Mankind
1974	Spokane	Progress Without Pollution-Celebrating Tomorrow's Fresh New World
1975	Okinawa	The Sea We Would Like to See
1982	Knoxville	Energy Turns the World
1984	New Orleans	The World of Rivers-Fresh Water as a Source of Life
1984	Liverpool	International Garden Festival
1985	Tsukuba	Dwellings and Surroundings: Science and Technology for Man at Home
1986	Vancouver	Transportation
1988	Brisbane	Leisure in the Age of Technology
1990	Osaka	Coexistence of Nature and Man
1992	Seville	The Age of Discovery
1993	Taejon	The Challenge of a New Road to Development

Exposições Aprovadas pelo BIE

ANOS	CIDADES	T E M A S
1998	Lisbon	The Oceans: A Heritage for the Future
1999	Kunming	A Better 21st Century (garden festival)
2000	Hanover	Man, Nature and Technology
2001	Neuchâtel	ImagiNation
2002	Haarlemmermeer	Floriade 2002 (garden festival)
2003	Dresden	International Garden Festival
2005	Aichi	Beyond Development Rediscovering Nature's Wisdom